

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO (FESPSP)  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (FaBCI)

Fernanda Gomes NEUHOLD

**A mediação da informação étnico-racial nas redes sociais**

São Paulo

2019

Fernanda Gomes Neuhold

**A mediação da informação étnico-racial nas redes sociais**

Monografia apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação, sob a orientação do Prof. Me. Wanderson Scapechi.

São Paulo

2019

N485m

Neuhold, Fernanda Gomes

A mediação da informação étnico-racial nas redes sociais /  
Fernanda Gomes Neuhold. - São Paulo, 2019.

57 f. : il

Orientador: Wanderson Scapechi.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) - Faculdade de  
Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de  
Sociologia e Política de São Paulo.

1. Mediação da Informação. 2. Informação étnico-racial. 3. Redes  
Sociais. 4. Facebook. 5. Youtube. I. Scapechi, Wanderson. II. Título.

Fernanda Gomes Neuhold

A mediação da informação étnico-racial nas redes sociais

Monografia apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação, sob a orientação do Prof. Me. Wanderson Scapechi.

Data de aprovação

\_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Banca examinadora:

---

Maria das Mercês Pereira Apóstolo

Prof. <sup>a</sup> Ma. em Metodologia da História e História Paulista.

---

Carla Regina Mota Alonso Diéguez

Prof. <sup>a</sup> Dra. em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas.

## RESUMO

O conceito de informação étnico-racial trata de elementos inscritos em diversos suportes que sejam passíveis de significação por parte dos sujeitos e que tem competência de produzir conhecimento sobre elementos de algum grupo étnico em uma perspectiva de afirmação deste grupo. As recentes pesquisas na área de Ciência da Informação que discutem essa temática demonstram que existe uma necessidade constante de se apropriar do tema. O presente trabalho trata das práticas de mediação da informação étnico-racial em redes sociais na internet. O principal objetivo foi verificar se a mediação da informação étnico-racial poderia ocorrer em redes sociais através de uma abordagem qualitativa utilizando o método indutivo mediante um estudo de campo e utilizando a observação enquanto meio de coleta de dados. É traçado um breve panorama sobre redes sociais na internet. Conceituam-se mediação da informação e informação étnico-racial. A pesquisa de campo foi realizada nos sites Facebook e Youtube e demonstrou que o principal indício de que a mediação da informação ocorre nas redes sociais é a participação ativa dos usuários na construção e modificação das informações produzidas. Também se notou que as práticas de mediação se guiam principalmente por vivências pessoais das autoras, referências bibliográficas acadêmicas e solicitações do próprio público.

**Palavras-chave:** Mediação da Informação. Informação étnico-racial. Redes Sociais. Facebook. Youtube.

## ABSTRACT

The concept of ethnic information deals with elements that are inscribed in various sports that are identifiable by individuals and that have the ability to produce knowledge about elements of some ethnic group in a affirmative perspective of this group. As recent research in the area of Information Science, which discuss this demonstrated theme, there is a constant need to appropriate the theme. This paper deals with the main practices of mediation of ethnic-racial information in social networks on the Internet. The main objective was to verify if the mediation of ethno-racial information could occur in social networks through a qualitative approach, using the inductive method using a field study and using observation during data collection. A brief overview of social networks on the Internet is outlined. Information mediation and ethnic-racial information are conceptualized. A field research was carried out on the Facebook and Youtube sites and showed what is the main indicator of information mediation that occurs in social networks and is the active participation of users in the construction and changes of the information produced. Nor are they known as mediation practices, especially the authors' personal experiences, academic bibliographic references and requests from the public.

**Keywords:** Information Mediation. Ethnic-racial information. Social networks. Facebook. Youtube

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 OBJETIVOS.....</b>	<b>10</b>
2.1 OBJETIVO GERAL.....	10
2.1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>11</b>
<b>4 REDES: ESTRUTURAS CONECTADAS.....</b>	<b>14</b>
<b>5. MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO UM OBJETO.....</b>	<b>20</b>
<b>6. CONCEITO E USOS DA INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL.....</b>	<b>28</b>
<b>7 . A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NAS REDES SOCIAIS: O CASO DO FACEBOOK.....</b>	<b>34</b>
7.1 DESMENTINDO A HISTÓRIA BRANCA.....	35
<b>8. A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NAS REDES SOCIAIS: O CASO DO YOUTUBE.....</b>	<b>42</b>
8.1 AFROS E AFINS.....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Tradicionalmente a população negra brasileira tem tido uma relação ambígua com a informação. Ao mesmo tempo em que é utilizada como instrumento de resistência e reconhecida pela militância negra como objeto revolucionário, a informação também é utilizada para legitimar o racismo, já que frequentemente é apresentada e disponibilizada através de um viés racista. (ALBUQUERQUE; FILHO, 2016).

Diante de tal quadro, a Ciência da Informação enquanto campo interdisciplinar, através do desenvolvimento de conceitos e pesquisas pode trazer a luz diversas questões que podem impactar diretamente na produção, disseminação e mediação de informação, no combate ao racismo e empoderamento das pessoas negras. Ainda que a produção na área seja apontada como ínfima (SOUSA, 2015), estudos executados anteriormente abrem novas possibilidades e questionamentos. Partindo do conceito de informação étnico-racial, podemos refletir sobre como essa informação tem sido produzida e disseminada. Instigado pela interdisciplinaridade da Ciência da Informação e seu potencial na diminuição de desigualdades, Oliveira (2012) vai construir o conceito de informação étnico-racial. Esse tipo de informação é definida por ele como

todo elemento inscrito num suporte físico, (tradicional ou digital), passíveis de significação linguística por parte dos sujeitos que a usam, e tem o potencial de produzir conhecimento sobre os elementos históricos e culturais de um grupo étnico na perspectiva da afirmação desse grupo étnico e considerando a diversidade humana. (OLIVEIRA, 2012, p. 487)

O autor destaca que o conceito será utilizado para privilegiar a informação sobre a etnia africana e afrodescendente, e que

O conceito de informação étnico-racial aplicado à afrodescendência permite-nos dizer que engloba a documentação legal, os textos didáticos, os manifestos, bibliografias, iconografias, todo material informacional visual e não-visual – oral, escrito, digital – oriundo do Governo, das Universidades, das Secretarias Municipais e Estaduais, das ONGs, Movimento Negro, Museus, Arquivos, Centros de Informação etc, produzido com vistas à promoção da igualdade racial na sociedade brasileira e, dentre outras políticas, que tratam e



regulam as relações étnicas baseadas na diversidade humana. (OLIVEIRA, 2012, p. 487)

Nessa perspectiva, podemos encarar as redes sociais virtuais como um ambiente em que discussões sobre a questão racial também tem estado presente. Reconhecidas como um marco na transformação da comunicação, essas redes permitem que, através da interatividade, o compartilhamento e o consumo de informações transformem a internet em uma das principais estruturas de comunicação na vida de grande parte da população mundial, construindo um ambiente em que as ligações são capazes de criar novas reflexões que impactam diretamente em questões sociais (TOMAEL; MARTELETO, 2016).

Desta forma a presente pesquisa pretende tratar dos processos de mediação da informação étnico-racial nas mídias sociais. A partir das reflexões sobre o tema se formularam as questões: Práticas de mediação da informação étnico-racial ocorrem nas redes sociais? E em caso afirmativo: quais?

Mudando paradigmas anteriormente consolidados, as redes sociais tem sido espaço de produção de novas informações, possibilitando que diferentes vozes se apropriem do processo de comunicação. Sendo assim, se torna interessante para a Ciência da Informação investigar os processos informacionais que ocorrem nesses espaços. Almeida Júnior (2008) defende que a atuação do profissional da informação nunca é neutra, mas sim carregada de posicionamento político, ou de falta dele, uma vez que a

Mediação da informação é toda ação de interferência - realizada pelo profissional da informação -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional. (ALMEIDA JÚNIOR, 2008, p. 92 )

A pergunta de pesquisa se deriva de inquietações sobre a mediação da informação étnico-racial, sendo feita por indivíduos ou grupos diversos, em ambientes virtuais, de forma a entender como esse processo pode ou não ocorrer, considerando as características específicas desses ambientes.

O recorte que trata da informação étnico-racial ainda se justifica tanto por uma questão metodológica, que procura delimitar o tema, quanto por uma questão social, âmbito em que a biblioteconomia e ciência da informação tem explorado cada vez

mais. O primeiro capítulo procura mobilizar autores consolidados na área para construir um panorama sobre a evolução da internet e das redes sociais, assim como de termos essenciais para a compreensão das dinâmicas que ocorrem nelas. Também procura apresentar uma problematização da romantização dessas novas formas de comunicação, que tem sido apropriadas e utilizadas para determinar aquilo que se consome dentro e fora do virtual.

O segundo capítulo trata de mediação da informação através da definição e interpretação do tema por autores que dialogam com uma mediação que pode ocorrer nas redes sociais, através do tratamento de temas como a apropriação e diversidade cultural que a mediação da informação necessitam.

O terceiro capítulo trata da informação étnico-racial através de seu conceito além de demonstrar como ele tem sido utilizado dentro e fora da Ciência da Informação enquanto objeto de pesquisa e como se associa às redes sociais.

Por fim, o trabalho se debruça sobre duas redes distintas, o Facebook e o Youtube, analisando duas iniciativas de mediação da informação e identificando suas principais práticas

## **2 OBJETIVOS**

Para responder ao problema de pesquisa, buscou-se atender aos seguintes objetivos:

### **2.1 Objetivo geral**

Verificar se a mediação da informação étnico-racial ocorre nas redes sociais.

#### **2.1.1 Objetivos específicos**

1. Apresentar um arcabouço teórico que trate da mediação da informação e possa ser aplicado às redes sociais;
2. Identificar principais práticas utilizadas para a mediação da informação étnico-racial nas redes sociais.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia foi baseada no método indutivo, através de um estudo de campo que utilizou a observação não participante como método de coleta de dados. A partir da revisão dos objetivos geral e específicos havia a necessidade de se pensar em uma metodologia que desse conta de demonstrar se casos de mediação da informação étnico-racial poderiam ocorrer em redes sociais digitais. Esses casos também deveriam dialogar com a construção teórica do trabalho, mais especificamente com os conceitos de rede e de mediação da informação explorados.

Pensando nesses conceitos e nos objetivos propostos, o método etnográfico foi o que se apresentou mais adequado, graças a sua capacidade de descrever as ações de um grupo a partir de sua observação. Além disso, a utilização deste método tem sido cada vez mais crescente nas análises de mídias sociais (ZANINI, 2016). Porém, ao se considerar o tempo disponível para o desenvolvimento da presente pesquisa, e a quantidade de material a ser analisado, a etnografia deixou de ser considerada enquanto método, já que exigiria uma pesquisa mais extensa e com maior detalhamento de descrição e necessidade de observação participante.

Ainda que a etnografia em si tenha sido descartada enquanto método, as leituras sobre sua aplicação possibilitaram visualizar como este recurso poderia ser incorporado a pesquisa e contribuir para o alcance dos objetivos propostos através da observação. A fala de Mattos (2011), por exemplo, demonstra como a observação procura tratar de um técnica centrada nos processos de interação, priorizando a construção de relações, uma característica que segundo os autores utilizados no trabalho, é central no processo de mediação da informação. Sendo que

Talvez a mais básica diferença entre a linha etnográfica de pesquisas e as outras pesquisas qualitativas de sala de aula é que estas procuram pela natureza causal do fenômeno, ao passo que a etnografia busca a **natureza processual**, as formas como as relações são construídas numa sala de aula em particular ou nas interações interpessoais desenvolvidas no âmbito escolar e social. (MATTOS, 2011, p. 68, grifo nosso)

Quando Angrosino (2009, p. 41) diz que “a pesquisa etnográfica é utilizada para registrar um processo”, também fala abertamente sobre a questão da utilização de um método que encara relações dinâmicas em ambientes não controlados.

Nesse sentido, o autor também afirma que a etnografia é especialmente utilizada em contextos sociais em que a perspectiva e o comportamento das pessoas com relação ao que se pretende estudar ainda não são completamente nítidos ou compreendidos. No decorrer do trabalho pudemos constatar que o estudo da mediação da informação em redes sociais digitais ainda é um campo pouco explorado, e que a mediação da informação pode ser vista enquanto um processo em constante mutação.

Enquanto principal definição temos que “ a etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano - suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças.” (ANGROSINO, 2009, p. 30). Dessa definição inicial o autor vai destrinchar duas partes essenciais no fazer etnográfico que interessaram a pesquisa: a observação e descrição densa. A observação “(...) é o ato de perceber um fenômeno, muitas vezes com instrumentos, e registrá-lo com propósitos científicos.” (ANGROSINO, 2009, p. 74).

É importante notar como a perspectiva de análise de grupos é utilizada na etnografia e pode ser proveitosa para este trabalho, permitindo que se justifique sua utilização, já que ele se interessa pelas produções e crenças dos grupos nas redes sociais. Quando Flick (2009, p. 216) declara que “a etnografia parte da postura teórica da descrição de realidades sociais e de sua produção (...), visando à elaboração de teorias.”, também revela como a descrição é parte essencial do método exatamente para o esclarecimento de realidades, onde se procura idealizar hipóteses sobre essas realidades, também dialogando com os objetivos do trabalho.

Após todas as leituras sobre o método e sua utilização, se definiu que o ambiente de coleta de dados seria o ambiente digital, ou seja: as plataformas de redes sociais, também denominadas de mídias sociais. Tal escolha se deu pela facilidade em observar as conexões entre os atores que se dão a partir das redes sociais de forma não participante.

Sendo assim, foi considerado que através da observação baseada no método etnográfico, que priorizasse interações entre os produtores e consumidores da informação os objetivos propostos podem ser alcançados, procurando entender a mediação nas redes sociais para aqueles que compartilham e que consomem a informação étnico racial em mídias digitais. Ela se centrou em uma breve observação dos compartilhamentos e produção da informação e em uma análise posterior, com a pretensão de compreender se e como a mediação da informação

étnico-racial ocorreu, partindo das características observadas no segundo capítulo. A partir disso, se deu a elaboração de uma descrição que priorizasse essas características consideradas formadoras da mediação da informação.

Para tanto, foi selecionada uma página da rede social Facebook chamada “Desmentindo a história branca”<sup>1</sup> e de um canal no Youtube chamado “Afros e Afins”<sup>2</sup>. A escolha desses locais se deu após uma pesquisa nas duas redes com os termos informação étnico-racial, racismo e negritude. Na data da pesquisa, foram obtidas aproximadamente 20 páginas no Facebook, além de incontáveis publicações. No Youtube, diversos vídeos, porém nenhum canal nomeado diretamente com os termos. O critério para a escolha de ambos se centrou em uma breve análise das interações nas páginas, além do número de seguidores e conteúdos relevantes, de produção própria que pudessem ser utilizados. Para demonstrar como as páginas mediavam ou não a informação, foram utilizados trechos das postagens e dos comentários em formato de resposta para essas publicações. A utilização de imagens em formato de print também foi utilizada como recurso para demonstrar como essas interações aconteciam.

---

<sup>1</sup> <https://www.facebook.com/desmentindoahistoriabranca/>

<sup>2</sup> <https://www.youtube.com/channel/UCjivwB8MrrGCMlluoSdkrQg>

## 4 REDES: ESTRUTURAS CONECTADAS

Atualmente são poucos os debates que se tornam imunes às redes sociais. Apesar da ideia de redes de anteceder a própria internet, o termo passou a ganhar visibilidade ao ser relacionado às novas configurações midiáticas, que ao evoluírem rapidamente se configuraram como uma das principais formas de comunicação e compartilhamento de informações. O presente capítulo procura destrinchar os principais termos encontrados nas discussões sobre redes sociais, tratando de noções essenciais como ciberespaço e inteligência coletiva. Ao apontar que a comunicação mediada pelo computador tem sido um ponto essencial de mudança nas formas de mobilização social, conversação e identidades, Recuero (2009) afirma que as redes sociais têm sido protagonistas em uma série de fenômenos que conectam não só computadores, mas pessoas. As relações tomam um papel central na discussão sobre redes sociais na internet, já que

(...) O estudo das redes sociais na internet, assim, foca o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas. Para estudar essas redes, no entanto, é preciso também estudar seus elementos e seus processos dinâmicos. (RECUERO, 2009, p. 24)

Se o conceito de redes envolve essencialmente os atores e suas conexões, as trocas e interações mediadas passam a ser objeto central na discussão sobre as redes sociais na internet.

O termo “redes sociais” cobre um vasto espectro de agrupamentos sociais *online* dedicados a todo o tipo de atividade. Na medida em que as redes se caracterizam pela existência de laços firmados a partir de interesses comuns, é possível verificar a formação de todo tipo de agrupamento para a troca de informações, ideias e materiais, gerando não apenas uma interação entre os participantes no sentido de compartilhar conhecimentos, mas também o engajamento em questões políticas, sociais e culturais. (MARTINO, 2015, p. 58)

Para Manuel Castells, sociólogo conhecido por suas obras que abordam dinâmicas de transição comunicacionais, principalmente relacionando-as com modos de desenvolvimento e produção (principalmente o capitalismo), as redes se constituem em “[...] vínculos relacionais entre os indivíduos, os quais reforçariam suas capacidades de atuação, compartilhamento, aprendizagem, captação de

recursos e mobilização.” (CASTELLS, 2015, p. 29). Ao pensar a relação entre as estruturas sociais e as novas tecnologias da informação, o autor já preconizava como as TIC's teriam um papel central nas relações sociais

Apesar de serem organizadas em paradigmas oriundos das esferas dominantes da sociedade (por exemplo, o processo produtivo, o complexo industrial-militar), a tecnologia e as relações técnicas de produção difundem-se por todo o conjunto de relações e estruturas sociais, penetrando no poder e na experiência e modificando-os. Dessa forma, os modos de desenvolvimento modelam toda a esfera de comportamento social, inclusive a comunicação simbólica. (CASTELLS, 2016, p. 74-75)

Baseado em ideias que relacionam sociedade, economia, comunicação e tecnologias o autor constrói um panorama histórico que tenta provar como essas esferas acabaram moldando novos paradigmas. Ao usar o exemplo da internet, criada em um contexto de guerra e que posteriormente foi apropriada por grupos e indivíduos no mundo inteiro com diversos outros objetivos, Castells demonstra que em seu início e desenvolvimento os espaços virtuais e a própria tecnologia já eram alvo de disputas.

Em meio a essas transformações econômicas e políticas, surgem as comunidades virtuais, que na década de 1990, segundo o autor se centravam em “[...] ação social e das políticas em torno de identidades primárias - ou atribuídas, enraizadas na história e geografia, ou recém-construídas em uma busca ansiosa por significado e espiritualidade” (CASTELLS, 2016, p. 78). As identidades então, seriam o princípio organizacional das redes. Para o autor, identidade é o “processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais.” (CASTELLS, 2016, p. 78). Podemos notar como as dinâmicas sociais passam a ter um papel importante para o entendimento geral desse período de transição, onde a era industrial estava sendo superada pelas tecnologias de informação e comunicação. As práticas de relações sociais e de disputa continuam sendo abordadas por Castells, que propõe que em uma

(...) sociedade em rede, o poder é redefinido, mas não desaparece. E



tampouco desaparecem as lutas sociais. A dominação e a resistência à dominação mudam de caráter de acordo com a estrutura social específica da qual elas se originam e que elas modificam por meio de sua ação. O poder governa, os contrapoderes lutam. (CASTELLS, 2015, p. 95)

Precursor nas pesquisas sobre cibercultura em seu livro homônimo, Pierre Lévy conversa diretamente com a ideia de poder na sociedade em rede. O autor discorre sobre como o crescimento da comunicação baseada na informática foi iniciado por um movimento de jovens metropolitanos cultos que veio a tona no final dos anos 80. Os atores desse movimento exploraram e construíram um novo espaço de encontro, de compartilhamento e de invenção coletiva. Lévy propõe um novo paradigma criado à partir do ciberespaço que se liga às ideias de uma independência de veículos e indivíduos anteriormente detentores do poder e das únicas formas de comunicação

Está claro, o movimento social e cultural que o ciberespaço propaga, um movimento potente e cada vez mais vigoroso, não converge sobre um conteúdo particular, mas sobre uma forma de comunicação não midiática, interativa, comunitária, transversal, rizomática. (LÉVY, 2010, p. 134)

Para ele o ciberespaço, em sua maioria, seria construído por anônimos e não grandes chefes de governos ou dirigentes de grandes mídias. A construção cooperativa que a internet proporciona é alimentada em sua maioria por iniciativas locais. A comunicação é “interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária, o ciberespaço como horizonte do mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual cada ser humano pode participar e contribuir”. (LÉVY, 2010, p.128).

Nesse sentido, o termo inteligência coletiva, cunhado por Lévy, passa a ser de extrema importância em sua obra, já que “[...] o terceiro objetivo da cibercultura, o da inteligência coletiva, seria sua perspectiva espiritual, sua finalidade última.” (LÉVY, 2010, p.133). A inteligência coletiva se liga diretamente a ideia de compartilhamento e disseminação da informação, assim como de um consumo que se faz crítico e participativo. Ele seria o último estágio que a cibercultura poderia proporcionar para aqueles que utilizam a web. Porém, já naquele momento, a inteligência coletiva se constituiu como um problema, exatamente por não existir modelo ideal para sua construção.

Ainda que quebre restrições, ao mesmo tempo o ciberespaço redefine as

relações e práticas de compartilhamento, em moldes nunca vistos antes. Desde Lévy, a cibercultura foi alvo de um extenso número de estudos. Isso porque, como previsto, elas passaram a ter um papel cada vez mais central na vida da grande maioria das pessoas. Se a visão anterior preconizava comunidades onde a informação e o conhecimento seriam compartilhados livremente, fazendo com o ciberespaço evoluísse cada vez mais em direção à construção de uma inteligência coletiva, a realidade demonstrou que mecanismos como a manipulação de dados e informações por diversos interesses se apresentou com o tempo.

Uma contribuição importante na problematização das visões anteriores sobre o ciberespaço é feita por Evgeny Morozov. Crítico da monopolização da informação por grandes empresas da área, um de seus questionamentos se relaciona ao *Google* e suas aparentes boas intenções

Não seria ótimo que um dia, diante da afirmativa de que a missão do Google é ‘organizar todas as informações do mundo e torná-las acessíveis e úteis para todos’, pudéssemos ler nas entrelinhas e compreender o seu verdadeiro significado, ou seja, ‘monetizar toda a informação do mundo e torná-la universalmente inacessível e lucrativa? (MOROZOV, 2018, p.28)

Um de seus principais argumentos se centra em um debate público que ao estar limitando o plano da tecnologia transformou o Vale do Silício (região de São Francisco, nos Estados Unidos onde se localizam diversas empresas de tecnologia) em uma entidade descolada da realidade, aparentemente imune às críticas que transforma qualquer um disposto a problematizá-las em tecnofóbico. Isso acontece porque não existiria uma ligação do debate digital ao debate político e econômico, transformando essa omissão em uma conveniência para as empresas de tecnologia.

O argumento de “libertação” que é oferecido pelas empresas do Vale do Silício ignora que a grande parte das facilidades oferecidas pelas tecnologias também traz vigilância e controle. Decisões aparentemente autônomas passaram a estar condicionadas a empresas que detêm dados pessoais e consequentemente conhecem ansiedades e inseguranças.

O modelo de capitalismo ‘dadocêntrico’ adotado pelo Vale do Silício busca converter todos os aspectos da existência cotidiana em ativo rentável: tudo aquilo que costumava ser o nosso refúgio contra os caprichos do trabalho e as ansiedades do mercado. (MOROZOV, 2018, p. 33)

A dimensão do que é rentável na vida diária se expande: relacionamentos, vida familiar e até o sono passam por essa lógica, exaltada sem nenhum tipo de questionamento. Podemos notar que o debate proposto por Castells (2016) em relação às identidades foi apropriado e transformado, fazendo parte dessa nova dinâmica, onde se propõe cada vez mais rentabilidade e poder para as grandes empresas.

Uma das epistemologias do Vale do Silício se relaciona a “hiperinclusão”, coletar tudo e guardar tudo para sempre se tornou uma premissa, já que as previsões feitas pela conexões entre dados são sempre procuradas. Existe uma suposição de que tudo está conectado. O autor defende que problemas públicos não podem entrar no modelo apresentado pelo Vale do Silício, já que uma “simples” combinação excessiva de informações pode redefinir problemas a partir de uma perspectiva definida como neoliberal.

(...) Mas onde estão os aplicativos para combater a pobreza ou a discriminação racial? Criamos aplicativos para resolver problemas que os aplicativos conseguem resolver - em vez de enfrentar os problemas que de fato precisam ser resolvidos.(MOROZOV, 2018, p. 41)

A falta de compreensão das próprias pessoas do Vale do Silício sobre os problemas que estão criando demonstra a falha do “debate digital”, de falar além das ferramentas: sobre os sistemas políticos e econômicos impactados por essas mesmas ferramentas. Isso também se deve a um caráter de entidade que palavras como “ciberespaço”, “on-line” e “digital” possuem. Segundo Morozov (2018), é a partir da desmistificação e apropriação desses termos que se possibilita uma discussão sobre os aspectos que realmente importam: a política e a economia. O principal inimigo não seria a tecnologia mas sim os regimes políticos e econômicos nos quais a mesma está inserida.

Através de algumas definições de redes sociais e da construção de um panorama sobre as novas formas de comunicação mediadas pelo computador pudemos notar como as estruturas sociais, assim como modelos econômicos e políticos impactam diretamente nas mesmas. Os últimos argumentos sobre a apropriação da tecnologia e das redes por grandes empresas que visam um monopólio de dados reforça a necessidade de se estudar técnicas e exemplos de utilização das redes sociais na internet enquanto instrumento de resistência e de

compartilhamento da informação que fogem de uma lógica mercadológica, voltando a se relacionar com as ideias que foram construídas sobre elas em sua gênese.

## 5. MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO UM OBJETO

Como visto anteriormente, as comunidades virtuais e a cibercultura mudaram o paradigma de produção e compartilhamento de informações. Nas comunidades online o volume e a velocidade da circulação de informações são extensas, e englobam conteúdos sobre diversos assuntos. Nesse sentido, é importante entender até que ponto esse compartilhamento pode se configurar enquanto mediação, partindo de revisões sobre o conceito, pelo ponto de vista de diferentes autores.

Cultura, informação e comunicação são termos extensamente utilizados ao se falar de mediação. Passando pelas ciências sociais, estudos culturais e de comunicação, destrinchar o termo revela sua complexidade e sua utilização em diversas áreas do conhecimento. Silva, Nunes e Cavalcante (2018), ao indicarem o caráter interdisciplinar da Ciência da Informação, apontam a mesma como uma área que sofreu grandes influências de outras disciplinas, sendo conseqüentemente afetada por definições de outras esferas do conhecimento. Assim, a mediação da informação seria um dos principais tópicos referentes a essa interdisciplinaridade, constituindo hoje um campo de estudos sólido dentro da Ciência da informação, da Biblioteconomia, Arquivologia e da Museologia. Para os autores, após a passagem por paradigmas como a teoria da informação e as teorias cognitivas, houveram variações sobre as pesquisas na área, onde a informação vista a partir de seus aspectos sociais e culturais surge como uma profícua possibilidade de pesquisa frente à ascendência de vieses cognitivistas na Ciência da Informação.” (NUNES, CAVALCANTE, SILVA, 2018, p. 35), indicando que o entendimento sobre mediação passe a se dar cada vez mais de forma interdisciplinar, considerando os diversos ambientes e abordagens da mesma.

Ao revisarem as contribuições sobre mediação da informação na Ciência da Informação, um dos autores que mais se destaca é Francisco de Almeida Júnior. O autor define a mediação como

toda ação de interferência - realizada pelo profissional da informação -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional. (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 92)

Segundo ele, uma concepção de mediação da informação que prioriza somente o Serviço de Referência, ou o atendimento se faz insuficiente para o entendimento real de seu significado. Ainda que essa definição inicial não opte pela mediação da informação em redes sociais na internet, a construção da pesquisa por trás do termo traz contribuições para o trabalho no sentido de destrinchar a mediação e sua utilização na ciência da informação, inclusive considerando a mediação nesses locais.

Ao falar, da questão da mediação enquanto uma interferência coloca que “A informação é carregada e está envolta em concepções e significados que extrapolam o aparente. A informação está imersa em ideologias e em nenhuma hipótese se apresenta desnuda de interesses, sejam econômicos, políticos, culturais, etc.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 93). Essa é uma importante contribuição no sentido de demonstrar como as trocas informacionais não podem ser romantizadas ou isentas de análise mais profunda da sociedade na qual estão inseridas. Essa concepção também é importante quando se trata de redes sociais na internet, já que nesses locais uma parcela das informações, ao ser considerada enquanto mera reprodução de “opinião”, quando na verdade também pode ser encarada enquanto uma interferência.

O autor ainda vai mais longe e reflete que ao contrário do que se define atualmente, a informação não deve ser o objeto da Ciência da Informação, e sim sua mediação afirmando que “Se todo fazer do profissional da informação é voltado para a mediação – quer implícita, quer explícita – considerarmos a mediação da informação como objeto da área é um encaminhamento lógico e natural” (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 7). Essa visão é influenciada principalmente pelo fato de que a necessidade informação deixar de fora, por exemplo, as atividades culturais, que caso registradas mutam em outros suportes. As informações eletrônicas também são apontadas enquanto efêmeras, não necessariamente de fácil recuperação. Isso exigiria que fossem tratadas de forma diferente, diferindo dos atuais processos e ferramentas utilizados. Assim, essa visão do autor, de trazer a mediação da informação para a frente do debate, dando a ela uma maior importância, demonstra como cada vez mais as relações dadas à partir da informação são importantes, ao contrário de um paradigma anterior, o cognitivo, que priorizava a informação deslocada dessas relações. Quando Almeida Júnior escreve em 2009, já se nota que a preocupação com as atividades culturais e com as informações eletrônicas faz

sentido graças a um momento específico, onde a mediação da informação é vista por um paradigma diferente, não mais ligado a “emissores e receptores” pré definidos e estáveis.

Ao refletir ainda sobre sociedade da informação e sociedade do conhecimento, Almeida Júnior (2009) problematiza esses termos, e chegando a conclusões que conversam com Morozov (2018) no sentido de quebrar discursos sobre como as novas tecnologias da informação têm democratizado a informação de forma geral. Ao apontar como o capitalismo se apropria dessas tecnologias para transformar a informação em mercadoria, esclarece que “Partimos da concepção de um conhecimento construído, de um conhecimento que se constrói individualmente, mas tão-somente na relação, na interação. Não há conhecimento no isolamento, ao contrário, ele se constrói na relação com o mundo, com os outros homens.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 96), afirmação que também dialoga diretamente com as reflexões sobre mediação, já que elas se dão em um sentido de julgar o usuário enquanto ser ativo, contrariando percepções anteriores da Ciência da Informação, que, segundo o autor “entende o usuário como ser passivo, mero receptor de uma informação previamente existente e que pouco interfere em seus significados” (ALMEIDA JÚNIOR, 2019, p. 97).

A concepção que intera a importância da participação dos usuários da informação se faz extremamente forte e podemos enxergá-la norteando o restante da pesquisa e das reflexões sobre a mediação da informação. As trocas passam a ter um papel essencial na mediação e na própria existência da informação, na medida em que ela só possa se concretizar enquanto informação quando passa por um processo de apropriação e interferência daquele que é considerado o usuário. Assim,

A informação existe apenas no intervalo entre o contato da pessoa com o suporte e a apropriação da informação. Como premissa, entendemos a informação a partir da modificação, da mudança, da reorganização, da reestruturação, enfim, da transformação do conhecimento. Assim entendida, ela, informação, não existe antecipadamente, mas apenas na relação da pessoa com o conteúdo presente nos suportes informacionais. Estes são concretos, mas não podem prescindir dos referenciais, do acervo de experiências e do conhecimento de cada pessoa. Em última instância, quem determina a existência da informação é o usuário, aquele que faz uso dos conteúdos dos suportes informacionais. (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 97)

Apesar de destacar em suas conclusões que essa visão de mediação foge do pensamento hegemônico da área, podemos encontrar em outras pesquisas visões muito semelhantes, como a de Luiz Tadeu Feitosa (2016). O autor ao também se preocupar com a construção da mediação da informação dentro da CI levanta questionamentos relacionados aos contextos culturais, se utilizando da mediação cultural para procurar uma definição final mediação. Isso fica claro quando diz que

Se o objeto da Ciência da Informação é a mediação da informação, e não a informação em si, é explicável a preocupação levantada acerca da necessidade dessa mediação ser estudada nos contextos culturais por onde circula, de onde é demandada e os contextos de atendimento a essas demandas. (FEITOSA, 2016, p. 114)

Novamente, a diversidade cultural toma frente na definição de mediação da informação, dividindo o protagonismo entre todos os que participam desse processo de mediação, além de passar a considerar questões anteriores, como seus contextos de produção. Apesar de não citar diretamente as TIC's, podemos notar como essa perspectiva que o autor conversa com as questões de mediação da informação em redes sociais na internet, na medida em que enxerga a importância de quebrar uma visão única de seus processos.

A noção da mediação enquanto processo em diversos âmbitos, não só dentro de bibliotecas ou de outros serviços de informação, denota que existe uma preocupação cada vez maior em seus modos de existir. Isso também fica claro quando o autor diz que

Em outras pesquisas empreendidas sobre os mesmos seminários, já afirmamos que há uma tendência cada vez mais explícita de que as formas de mediação informacionais – complexas, plurais e incertas – proporcionadas pelo fazer da Ciência da Informação não podem se fossilizar na informação como matéria-prima, mas nas produções culturais, mediadoras e interacionistas que promovem, provocam e possibilitam no âmbito das “mediações culturais” (FEITOSA, 2017, n.p)

Para além de uma mera transferência da informação, os aspectos culturais ganham força nas análises que pretendem partir da mediação, o que também expressa uma necessidade crescente da CI de se deslocar de um lugar neutro ou apolítico. Os apontamentos feitos por estes autores confirmam que as análises que se propõem a serem feitas sobre a mediação da informação necessitam de olhares para características que antes poderiam ser ignoradas.

Sim, porque preocupar-se com as formas de mediação, mesmo no



específico contexto da mediação informacional, já deixa explícito que os aspectos ligados às diversidades culturais, aos diferentes contextos de produção, difusão, circulação e recepção de informações ensejam que as visadas da Ciência da Informação sobre essas possibilidades mediadoras sejam menos pragmáticas e passem a contemplar mais de perto as subjetividades dessas mediações e dessas ações de informação para as pessoas e seus diversos contextos culturais. (FEITOSA, 2016, p. 101)

Se uma dos pontos do presente trabalho é esclarecer a existência da mediação da informação nas mídias sociais, através da fala de Feitosa sobre a ação cultural em bibliotecas, se torna mais claro como elas podem ocorrer, já que ele vai ressaltar como as relações que se estabelecem resultam em construções informacionais mútuas, demonstrando como esse conceito pode ser aplicado nas redes sociais na internet.

Há mais do que trocas instantâneas de informações. Estabelecem-se múltiplas produções sígnicas, infocomunicacionais e semióticas; construções de sentidos que – ainda que inapreensíveis, porque fugazes e efêmeros – são produções de informação e de conhecimentos recíprocos (FEITOSA, 2016, p. 105)

Podemos reconhecer que essa dimensão fugaz e efêmera da informação também pode ser vista nas mídias sociais. Pensando na fluidez do tipo de informação compartilhada nas redes, já citado inclusive por Almeida Júnior (2009), podemos nos deparar com a possibilidade das produções e construções de sentidos nesse ambiente. Mesmo falando de contextos informacionais significativamente diferentes, podemos enxergar como essas produções são passíveis de ocorrer nas redes sociais, já que elas podem ser palco de interações tão importantes quanto aquelas que acontecem em espaços físicos.

Outra fala também demonstra como o conceito necessita de estudos em locais divergentes daqueles considerados “comuns” à mediação da informação. Ela também reforça o quanto as investigações da mediação podem requerer diferentes formas de análise, fazendo com que a transdisciplinaridade tenha um papel central para o estudo da mediação e diferentes ambientes, outra afirmação que reforça um olhar mais amplo para a mediação da informação.

Há conceitos de mediação que ora se aproximam, ora se afastam do fazer pragmático em bibliotecas ou unidades de informação. Nos demais espaços por onde a informação circula e cujas mediações são demandadas, os estudos sobre mediação ainda precisam chegar com a ajuda dos estudos transdisciplinares sobre o tema mediação. (FEITOSA, 2016, p. 113-114)

Como citado pelo autor, a mediação extrapola sua referência inicial de espaço físico graças à emergência de novas configurações das práticas de mediação, como por exemplo, seu uso nas redes sociais na internet.

Fachin (2013) ao discorrer sobre a mediação da informação no contexto da sociedade do conhecimento, em um contexto de estoques informacionais vai colocar que

A Sociedade do Conhecimento proporcionou um grande acervo informacional na web, esse acesso condicionou novos serviços de atendimento informacional aos usuários, ampliando a função dos mediadores, possibilitaram a ampla comunicação entre os indivíduos da sociedade global com as suas necessidades locais; ampliando a produção exponencialmente do acervo informacional que passou a ser disponível na web, obrigando a humanidade a criar novos meios de localização e obtenção dessas informações. (FACHIN, 2013 p. 39)

Essa visão, apesar de priorizar a mediação no sentido de atendimento a usuários, também demonstra como a perspectiva de comunicação dentro da mediação muda com as TIC's, relacionando o volume informacional e as formas de encontrar esses conteúdos. Ao dizer que “com o fácil acesso à web, todos podem ser produtores, mediadores e usuários de informação. Cada vez mais, essa massa informacional cresce e está em constante mutação.”, Fachin (2013, p.34) também corrobora com o pensamento dos autores citados anteriormente: cada vez mais podemos ver um deslocamento do paradigma da mediação da informação com relação a profissionais da informação em ambientes “tradicionais”. Na afirmação de que “pessoas comuns estão se tornando mediadoras, quando selecionam um conjunto de informações e disponibilizam na web, em sites, blogs, redes sociais ou home page, possibilitando o acesso para outras pessoas interessadas nessas informações.” (FACHIN, 2013, p. 38), podemos enxergar diversas afirmações vistas até aqui pelos diferentes autores trabalhados.

Um ambiente que possibilita uma interação e um compartilhamento de informações dentro da perspectiva de possibilidade da criação de sentidos é um ambiente em que a mediação da informação pode ocorrer de forma plena, denotando que a análise desses processos executados por “pessoas comuns” também pode ter importância dentro da CI. O crescimento e a importância que as mídias sociais tem tomado nos dias de hoje em diversos âmbitos possibilita, por exemplo, que sejam criados perfis de consumo tanto de informações, quanto de

produtos. Se a característica interdisciplinar da Ciência da Informação permitiu que se cogite que a mediação da informação seja seu objeto principal, faz sentido estudar essa mediação de diversos ângulos que conversem com o momento atual.

Ao passo que pensamos em “pessoas comuns” produzindo, reproduzindo e compartilhando conteúdo nas mídias sociais, podemos inferir que ocorre uma mediação entre essas pessoas e aquelas que vão consumir esse conteúdo. A própria noção de “influenciador digital” demonstra como pessoas podem servir de mediação para marcas, ideias ou outras pessoas. Revisitando Morozov (2018), podemos perceber como esse intermédio acaba não fugindo da lógica da mídia tradicional com relação a consumo. Assim, da mesma forma que esses influenciadores trabalham para marcas, também podem trabalhar na construção de novos conhecimentos. Iniciativas de ONG's, coletivos ou indivíduos que produzem conteúdos para a internet sem visualizar fins lucrativos também denotam seu potencial prolífero.

Podemos considerar que a possibilidade que as mídias sociais oferecem para os usuários de replicarem ou responderem instantaneamente, ou até mesmo de criarem novos conteúdos a partir de outros aquilo que está sendo produzido também se liga a ideia de mediação quando Almeida Júnior (2009, p. 97) deixa explícito como a participação do usuário no processo de mediação é essencial no sentido de se apropriar, já que nessas réplicas podemos constatar a proximidade do usuário com aquele suporte. Assim,

A mediação da informação permite e exige concepção de informação que desloque o usuário da categoria de mero receptor, colocando-o como ator central do processo de apropriação. Dessa forma, defendemos que o usuário é quem determina a existência ou não da informação. A informação existe apenas no intervalo entre o contato da pessoa com o suporte e a apropriação da informação.

Quando o autor ainda fala sobre a compreensão de uma nova realidade e de intermediação cultural entre ela e os sujeitos podemos enxergar como o papel das pessoas que produzem e disseminam conteúdos nas redes sociais enquanto um papel mediador. Para além das possibilidades que essa mediação toma, como por exemplo eliminar a questão de deslocamento físico, tornando esse contato inicial mais fácil, é interessante notar como a própria utilização da internet se constitui de um processo cultural, portanto passível de ser apropriado também pelos profissionais da informação.

Assim se vislumbra um desafio crucial da Sociedade da Informação: o de gerar nos indivíduos e grupos as competências simbólicas e comunicacionais para a compreensão dessa nova realidade. E é aqui que o mediador joga um papel estratégico e fundamental: o de intermediação cultural entre essa realidade e os sujeitos. A função mediadora dos pesquisadores e dos profissionais da informação se faz cada vez mais necessária, buscando conectar os indivíduos, as bases de conhecimento local, às demais fontes de informação e conhecimento disseminadas na sociedade. A inserção dos profissionais de informação nos processos culturais, atentando para sua posição no processo de produção de uma determinada hegemonia parece-nos, nesse sentido, um dos focos a ser privilegiados numa formação que se quer crítica (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 21)

Pensando nas novas configurações da sociedade da informação e do conhecimento, Almeida Júnior (2009) retrata a todo momento como a participação do usuário no andamento da mediação da informação é de extrema importância na medida em que ele passa a ser um coprodutor da informação à partir de sua interferência e apropriação. Assim, podemos julgar que as redes sociais são espaços em que essa participação pode ocorrer de forma plena. E ainda que possa ser vista com ressalvas do ponto de vista da apropriação dessa ferramenta por interesses capitalistas, as possibilidades de seu uso para os usuários se tornarem coprodutores da informação não pode ser ignorada. No capítulo seguinte trataremos da informação étnico-racial, levando em conta as considerações presentes.

## 6. CONCEITO E USOS DA INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

Para apresentar o conceito de informação étnico-racial, podemos inicialmente refletir sobre como a população negra passou por um processo de negação da sua participação na construção do país, inclusive intelectualmente, ao mesmo tempo em que a representação das pessoas negras na mídia, quando ocorre, serviu e serve para reforçar estereótipos negativos (BORGES; BORGES 2012). Se considerarmos a informação enquanto um instrumento de poder, na história do Brasil ela foi utilizada como mais uma forma de subjugar as pessoas negras. Iniciativas como o nascimento da imprensa negra no século XIX e a Lei 10.639/03 podem ser consideradas exemplos das lutas dos movimentos negros brasileiros para preencher uma lacuna informacional, assim como de ressignificar a representação das pessoas negras.

Nesse contexto, podemos considerar que a informação também tem sido utilizada historicamente como um mecanismo de resistência. Na atualidade, com um maior acesso dos negros às universidades, o crescimento das redes sociais na internet e o desenvolvimento contínuo das mídias negras, a produção e disseminação de informação étnico-racial tem se desenvolvido consideravelmente. Instigado pela interdisciplinaridade da Ciência da Informação e seu potencial na diminuição de desigualdades, Oliveira e Aquino(2012) vão construir o conceito de informação étnico-racial. Esse tipo de informação é definida por eles como:

todo elemento inscrito num suporte físico, (tradicional ou digital), passíveis de significação linguística por parte dos sujeitos que a usam, e tem o potencial de produzir conhecimento sobre os elementos históricos e culturais de um grupo étnico na perspectiva da afirmação desse grupo étnico e considerando a diversidade humana. (OLIVEIRA; AQUINO 2012, p. 487)

Os autores destacam que o conceito será utilizado para privilegiar informação sobre a etnia africana e afrodescendente e que:

O conceito de informação etnicorracial aplicado à afrodescendência permite-nos dizer que engloba a documentação legal, os textos didáticos, os manifestos, bibliografias, iconografias, todo material informacional visual e não-visual – oral, escrito, digital – oriundo do Governo, das Universidades, das Secretarias Municipais e Estaduais, das ONGs, Movimento Negro, Museus, Arquivos, Centros de Informação etc, produzido com vistas à promoção da igualdade racial na sociedade brasileira e, dentre outras políticas, que tratam e

regulam as relações étnicas baseadas na diversidade humana. (OLIVEIRA; AQUINO 2012, p. 487)

Um dos trabalhos mais sólidos encontrados dentro da Ciência da Informação relacionada a estudos étnico-raciais é o de Cardoso (2015). Defendendo que a representação do negro nas bibliotecas públicas do Maranhão segue a mesma lógica racista do restante da sociedade, a autora vai apresentar sua pesquisa que trata do resgate da memória e da identidade negra e do papel da biblioteca enquanto um espaço que poderia ser utilizado nesse objetivo. A autora defende que a Ciência da Informação necessita de sensibilização social e destaca que a biblioteca, através de ações culturais pode viabilizar políticas, transmitir conhecimento historicamente negado e apresentar novas formas de representação das pessoas negras. Seu trabalho se transformou no livro “O negro na biblioteca: mediação da informação para a construção da identidade negra” (2014), e pode ser reconhecido como uma importante contribuição para a área.

A obra “Bibliotecários Negros: pesquisa e atuação” (2018), também demonstra a importância do tema na Biblioteconomia e Ciência da Informação, conforme evidenciado pelas autoras.

O perfil do profissional bibliotecário precisa proporcionar espaço para a mudança, transgressão, invenção que podem contribuir para a compreensão da realidade social, sejam em termos econômicos, políticos, raciais, etc. (CARDOSO; PINTO, 2018, p. 74)

Pode-se notar que esse chamado aos profissionais da informação que engloba uma dimensão social forte não é exclusivamente relacionado a informação étnico-racial. Uma análise dos últimos trabalhos apresentados no CBBB de 2019, que teve como tema Desigualdade e Democracia, demonstra que temas como gênero, sexualidade, questão ambiental e outros aspectos dos direitos humanos em geral tem permeado a área, indicando que

em parceria com as/os bibliotecárias/os, é possível analisar a produção de informações que questionam os conteúdos que deslegitimam a população negra, uma vez que a informação perpassa todas as atividades humanas. Ou seja, a Biblioteconomia e, conseqüentemente, a prática bibliotecária, pode e deve incorporar o enfrentamento contra o racismo. (VALÉRIO; SILVA, 2018, p. 192)

Esse destaque para a área não apenas demonstra uma vontade de cooperação na luta antirracista, mas também denota como o escopo de atuação se

torna maior quando passamos a analisar questões primordiais da nossa sociedade. A informação e o conhecimento, dotados de tanto poder durante toda a história, demonstra como uma área do conhecimento que se propõe a ser palco de estudos e desenvolvimento dessa ciência necessita estar atenta.

Como visto, o papel do bibliotecário na tratativa deste tipo de informação tem sido questionado e apontado como necessário. Os estudos de Lopes; Bortolin e Silva (2015) e de Sousa (2015), analisando a produção científica da área que trata da informação étnico-racial, também apontam que tomar esse direcionamento faz com que a área seja enriquecida no sentido de construir análises que cada vez mais apontam e abarcam questões primordiais para se entender relações com a informação e o conhecimento no país. No livro *Bibliotecári@s Negr@s* (2018), os capítulos apontam para o poder da produção científica, que extrapola níveis acadêmicos e é apontado como mote de transformações em diversos outros âmbitos, incluindo a de comunicação de massa. Quando se diz que

No Brasil, o movimento negro contemporâneo, que reúne diversas entidades, pessoas, instituições e grupos que desenvolvem ações antirracistas e possuem um discurso de enfrentamento ao racismo no Brasil, é o grande responsável pela luta efetiva por igualdade racial na educação e em outros espaços/ambientes. Este movimento social tem produzido e comunicado informações, materializadas/registradas em diversos suportes físicos/virtuais/digitais, que contemplam a realidade e necessidade de ações inclusivas que reduzam os conflitos raciais e caminhem para uma democracia racial e ele pode ser um verdadeiro aliado na articulação entre bibliotecárias/os e sociedade. (VALÉRIO; SILVA, 2018, p. 180-181)

percebemos que a informação étnico-racial tem circulado dentro e fora da academia, através de inúmeros suportes, transformando essa informação em um alvo potencial para estudos dentro da biblioteconomia e ciência da informação.

Sua dimensão geralmente é apresentada enquanto uma dimensão política, deslocada de um pensamento com vieses de publicidade, orientados para monetarização. Ainda nesse sentido, o destaque para movimentos e grupos, ao invés de uma perspectiva mais individualista também aparece em grande parte da bibliografia consultada. Podemos notar como o próprio conceito de Oliveira e Aquino (2012) exemplifica a utilização dessa informação por grupos, como ONG's e movimentos governamentais. Essa informação passa a ser encarada como uma ferramenta tendo em vista que

(...) a informação que circula nos movimentos sociais negros é

entendida como um instrumento de mobilização das lutas, por propor a produção de conhecimentos que valorizem a população negra e se concentrem nas desconstruções das desigualdades raciais no país. (VALÉRIO; SILVA, 2018, p.187)

Assim, nessa definição a informação étnico-racial, produzida e circulante nesses movimentos têm um papel essencial para poder produzir e direcionar ações em diversas esferas, inclusive na criação de políticas públicas. Assim

As relações entre conhecimento e informação são contundentes nessa nova área, ao perceber que a informação ultrapassa o comportamento individual para orientar as ações coletivas. Essa disciplina tem surgido em um contexto social e científico em que se discutem as bases teóricas e conceituais da Biblioteconomia, da Documentação e CI. (VALÉRIO; SILVA, 2018, p. 188)

Apesar de recente, os suportes digitais já passam a ser citados enquanto instrumento de materialização dessa produção. Um trabalho consistente na área é o de Silva e Aquino (2014), que trata da disseminação da informação étnico-racial do Movimento Negro Organizado da Paraíba a partir do uso de ferramentas da Web. Nele, as autoras declaram que

Com o advento da internet e das tecnologias da informação e comunicação (TICs), o acesso a conteúdos voltados para fortalecimento de causas e lutas de diversos movimentos sociais tem ganhado expansão e visibilidade. Na sociedade contemporânea tem acontecido uma expansão informacional sobre questões relacionadas às mulheres negras. Quando acessamos as mídias sociais, sites e blogs podemos encontrar diversos grupos de discussão, trocas de experiências, lutas por direitos e acesso, bem como o apoio mútuo de quem defende causas e direitos igualitários a todos. (SILVA; AQUINO, 2014, p. 268-269)

Quando falam em defesa da análise dessa informação, fica claro que tem em mente um momento em que a Web, as redes sociais na internet abrigam aquela primeira visão de Levy (2010), que aponta para o potencial que elas abrigam com relação à construção de novas comunidades e conhecimentos através de cooperações que podem proporcionar. Quando dizem que:

É possível constatar que, desde o processamento, passando pelo tratamento da informação étnico-racial e chegando à sua disseminação e memória, o profissional da informação deve abandonar o preconceito em relação a qualquer suporte informacional, sejam eles físicos, digitais e virtuais, e fazer com que as fontes de informação étnico-racial da Web possam inovar as práticas de mediação na disseminação dessa informação para os diferentes usuários-aprendentes da grande rede (SILVA, AQUINO,



2014, p. 211)

percebemos que a existência dessa informação em diferentes plataformas e suportes também contém o potencial de levantar novas reflexões em diversos aspectos na área de Ciência da Informação, tanto de um ponto de vista técnico como brevemente colocado por Almeida Júnior (2009) quando fala em relação ao tratamento dessa informação digital, quanto de um sentido relacionado às práticas de sua mediação e utilização. O fato de apontarem que um diálogo com a informação na Web pode inovar as práticas de mediação e disseminação é importante para o trabalho, já que é um dos aspectos que se pretende analisar.

Um aspecto interessante do trabalho se centra na ressalva de que somente a disponibilização dessa informação, sem uma análise mais profunda da sociedade e de questões educacionais, de acesso e apropriação dessa informação ainda é um ponto a ser considerado.

A disseminação da informação por meio do uso da Internet pode contribuir para uma sociedade mais informada, mas não garante isso. Além do acesso às tecnologias intelectuais, a população necessita de acesso à educação para fins de utilização de maneira competente (SILVA; AQUINO, 2014, p. 207)

Outro trabalho relevante é Bamidelê: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba, que destaca como objetivo. “Analisar como ocorrem os processos de apropriação, disseminação e democratização da informação étnico-racial para a preservação da memória pela organização de mulheres negras do Estado da Paraíba - Bamidelê.” (SILVA, 2014, p. 21). Os processos que se procura compreender são de disseminação, democratização e preservação da informação.

A autora também destaca como o objeto do estudo se relaciona ao caráter interdisciplinar da Ciência da Informação, encaixando o trabalho no campo da Sociologia da Informação. Porém podemos perceber que ao trabalhar com os termos apropriação e disseminação a dissertação também aplica questionamentos sobre as formas que essa informação tem sido disponibilizada.

Os trabalhos também têm muitas vezes um foco na Web e em redes sociais, o que demonstra que esse suporte tem sido visto cada vez mais como passível de investigação. Oliveira e Aquino (2012) também apontam a importância dessa dimensão na construção do conceito, que por nascer em um momento de explosão

e grande utilização dessas plataformas. Dizem

A elaboração do conceito de informação etnicorracial, à luz de um diálogo interdisciplinar, perse, abre um espaço de investigações no campo da Ciência da Informação como área de produção do conhecimento científico a partir de possíveis correlações deste conceito aos diversos suportes, mídias, estratégias de geração, produção, acesso e uso da informação, bem como estudos sobre a informação etnicorracial nas diversas fontes e canais informacionais (OLIVEIRA; AQUINO, 2012, p. 488)

Após as leituras teóricas que nortearam o trabalho, se considera que estudar a informação étnico-racial nessa configuração é de extrema importância na medida em que pode contribuir para a Ciência da Informação de forma a considerar uma questão social emergente que é tratar da questão racial no Brasil. Para além disso, no levantamento do conceito e de outras pesquisas que o utilizam é possível perceber como seu estudo tem se centrado em questões como apropriação, disseminação e mediação, ou seja, constatamos que a informação étnico-racial tem como questões emergentes sua disponibilização e produção. A partir das reflexões provocadas pelos últimos capítulos, a seguir será apresentada a metodologia pensada para tratar da mediação étnico-racial nas redes sociais.

## **7 . A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NAS REDES SOCIAIS: O CASO DO FACEBOOK**

Fundado em 2014 o Facebook descreve como sua missão “(...) dar às pessoas o poder para construir comunidades e aproximar o mundo. As pessoas

usam nossos produtos para permanecerem conectadas com amigos e família, para descobrir o que está acontecendo no mundo e para compartilhar e expressar o que importa para elas.” (FACEBOOK, 2019, tradução nossa). Inicialmente criado para ser uma rede social de estudantes da universidade de Harvard, a plataforma logo se expandiu para outras universidades e empresas, se difundindo e passando a ser utilizado por 1,59 bilhões de usuários ativos diariamente. O Brasil atualmente é o terceiro país com mais usuários dentro da plataforma, tendo 130 milhões de pessoas registradas (TECMUNDO, 2019).

Como a própria plataforma sugere, criar conexões entre pessoas tem sido uma de suas principais utilizações. Assim, a comunicação e o compartilhamento de informações estão ligados às principais funções do facebook, já que a própria criação de um perfil na rede sugere que sejam partilhadas informações pessoais e descritivas. A página inicial de usuários, apesar de ter enfrentando grandes mudanças desde a criação, manteve a janela que contém a pergunta: “No que você está pensando?”, o que também sugere que os usuários compartilhem aquilo que consideram importante. Para além de um âmbito pessoal, empresas e organizações têm utilizado as páginas do Facebook para divulgação e comunicação com clientes. Assim, além de estar conectado com pessoas que já conhecem, os usuários também poderiam ser levados a conhecer novos perfis que sejam de seu interesse.

Além das páginas de perfil pessoal, o Facebook conta com grupos, que podem ter número ilimitado de participantes e páginas temáticas, que contam com seguidores; pessoas interessadas no conteúdo que aquela página compartilha e que a partir do momento em que começam a segui-la recebem esses conteúdos juntamente com os conteúdos de seus amigos em sua linha do tempo. A página, ao contrário de um grupo fechado permite que o conteúdo seja compartilhado sem restrições ou uma demanda de interesse prévio dos leitores, já que pode circular por *timelines* de diversos perfis.

Fator relativamente recente e que tem levado a diversas discussões sobre a personalização dos conteúdos, os algoritmos utilizados pelo site são apontados como formas de criar “bolhas” de conteúdo, fazendo com que a premissa inicial, ressaltada pela democracia e conectividade sejam questionadas, já que os compartilhamentos ficariam retidos em guetos informacionais, onde os usuários não teriam contato com conteúdo diferente daquele que estão acostumados a ver. (BITTENCOURT, 2015). Apesar disso, o potencial de comunicação do facebook

ainda é enorme graças a maximização do capital social, já que enquanto rede social permite que as conexões online sejam muito mais numerosas do que as offline (RECUERO, 2012).

## 7.1 Desmentindo a história branca

Para a construção da segunda parte do trabalho, que utiliza o Facebook enquanto plataforma de análise, foi escolhida a página “Desmentindo a história branca”. Na descrição da página se lê que “A História do Brasil sempre foi escrita por brancos e usadas a seu favor. Chegou a hora de contarmos a verdade.” Além da descrição, também existe o link de um blog com o mesmo nome e do link para o messenger da página, onde os usuários podem enviar mensagens. A página conta com 17.129 curtidas e 17.374 seguidores, demonstrando uma relevância quantitativa. A própria capa da página diz revela a autoria de Alessandra Eduardo e contém a foto da autora. Apesar disso, conforme é feita a leitura dos posts da página podemos notar que a mesma é gerenciada por um equipe, e que os textos sempre contém a referência de responsabilidade, além de referência bibliográfica.

A grande maioria das postagens da página é compostas por posts de texto, com imagens ilustrativas. Além dessas postagens, existem 3 vídeos curtos, que procuram apresentar o canal do youtube do projeto. Conforme as postagens evoluem são apresentados esse canal no Youtube, além de uma página na rede Instagram onde os conteúdos do projeto também são compartilhados.

A primeira postagem da página data do dia 3 de novembro de 2018 e procura explicar os motivos de realização da página no facebook e até então, do blog (que conta com os mesmos conteúdos). Em seguida, a segunda postagem da página trata da questão da miscigenação, baseada no livro “O Genocídio do Negro Brasileiro” (1978). Além da indicação do livro enquanto referência bibliográfica, Alessandra também indica o capítulo e as páginas do livro. Essa é uma característica que permeia grande parte dos textos da página: a maioria vem acompanhada de indicação de responsabilidade. Essa é uma questão interessante para ser analisada, já que se liga a uma ideia inicial de mediação enquanto facilitação com relação a algum objeto, nesse caso, a página leva o conteúdo do livro de forma a dividir percepções e ligá-las ao cotidiano e realidade dos leitores.

Imagem 1: Exemplo de assinatura de uma postagem

Texto de Alessandra Eduardo  
 (Referência Bibliográfica: "Escrevo o que eu quero", Steve Biko. Cap. 4  
 Pags. 57-59)

Fonte: Facebook

Outra questão marcante nos textos são as "notas" inseridas em seu conteúdo, comentários da autora que ligam os textos a sua experiência pessoal ou outros acontecimentos que ela utiliza de exemplo. Em algumas postagens podemos perceber o quanto esses comentários levam as pessoas a se identificarem ou não com essas questões pessoais. Essas notas parecem ser feitas exatamente com o intuito de de aproximar os leitores ao conteúdo de uma forma mais descontraída. Isso parece funcionar na medida em que alguns comentários dos seguidores se referem a essas notas da autora.

Imagem 2: Nota da autora

(Nota da autora: Inclusive "faço clipes" no ônibus, olhando pela janela, balançando a cabeça pra lá e pra cá quando estou ouvindo meus sambas, e ando desfilando com Beyonce tocando no fone. Aceita sociedade. Risos.)

Fonte: Facebook

Por vezes, para além de percepções pessoais da autora, as notas também trazem contribuições de outras referências textuais ou não, como no caso da nota abaixo.

Imagem 3: nota com relação a filme

(Nota da autora: sobre a questão da branquitude ver a musica como um luxo, fica ilustrado no filme 12 anos de escravidão, a pratica dos senhores de oferecer jantares elegantes e colocar músicos negros escravizados para tocar e agradar os convidados.)

Fonte: Facebook

A temática das postagens é variada, mas a maioria se refere trás conteúdos de história: miscigenação, escravidão no Brasil e no mundo, história da África, religiões afro, genocídio, além de destacar personalidades negras como Elza Soares e Carolina Maria de Jesus, e comentar premiações como o Oscar ou outros eventos sociais. As postagens também sempre procuram manter uma linguagem despojada, mesmo quando trazem contribuições de autores, procurando compartilhar o conteúdo em um tom de diálogo.

#### Imagem 4: Exemplo de texto em formato de diálogo

E mesmo quando se estava em guerra, quase sempre as tribos e os chefes se ajudavam.  
- Ta bom Alessandra, então qual foi a de hoje? É pra eu chamar outras pessoas negras pra cantar no ônibus e ver se a vizinha ta precisando de alguma coisa?  
Ué se quiser pode. Risos.

Fonte: Facebook

Além das postagens, os comentários também são uma fonte interessante de observação e análise, já que os leitores da página costumam interagir muito e de formas distintas. Assim, apesar de não ser uma comunidade fechada, muitos leitores compartilham histórias pessoais que se conectam a temática das postagens, como no exemplo abaixo.

#### Imagem 5: comentário com caso pessoal



**Monique Bento** Em um dos trabalhos que passei, aconteceu uma situação racista comigo e vou compartilhar com vcs. Eu era a única técnica de enfermagem negra da clínica e o pessoal da limpeza eram negros, em certa ocasião um paciente passou mal na sala e foi necessário a limpeza da sala. Uma técnica branca que estava na sala junto comigo deu um tapinha no meu ombro e falou assim: tira o lixo da sala. Eu a olhei nos olhos e falei pra ela que eu estava de jaleco igual a ela e que era técnica de enfermagem e não da limpeza (deixando claro q a profissão de auxiliar de serviços gerais é digna). Ela ficou sem graça e pediu desculpe e falou um ah é vdd. A advertir que a atitude q ela teve era racismo e q não se repetisse pois isso era motivo de processo. Não me custava retirar o lixo da sala mas foi pela forma e o olhar q recebi de uma "colega de trabalho e profissão".

Curtir · Responder · 40 sem



Fonte: Facebook

Os elogios ou incentivos feitos à página também costumam carregar exemplos pessoais de aprendizagem ou de estímulo para a persistência tanto pessoal quanto da própria página ao produzir novos conteúdos. Essas falas também contribuem para entender quais tipos de *posts* são mais lidos e conseqüentemente pedidos.

#### Imagem 6: comentário

**Matheus Greatti Custódio** Por favor, continuem postando esses ensinamentos de história. Eu to aprendendo muita coisa, ta me agregando muito. Ta mostrando exatamente, de forma didática, como o governo brasileiro apagou a consciência dos danos causados pela escravidão e o racismo, e implantou um "somos todos iguais" no lugar. Muito obrigado por todos os textos, to lendo td oq posso!

Curtir · Responder · 49 sem



Fonte: Facebook

Foi possível notar que esse tipo de comentário é frequente e que os casos geralmente são comentados por outros usuários. Por vezes a impressão é de que eles estimulam as trocas entre os leitores. Os comentários também trazem outras contribuições com relação a demonstrar a validade do texto, ou reforçar aquilo que foi dito de acordo com outros conhecimentos que os leitores têm sobre aquele

determinado assunto.

Imagem 6: Comentário com imagem

**Jeane Marques** Carnaval em Salvador é onde a frase "cultura de preto tá na moda, gente preta não" se mostra real.



Curtir · Responder · 34 sem



Fonte: Facebook

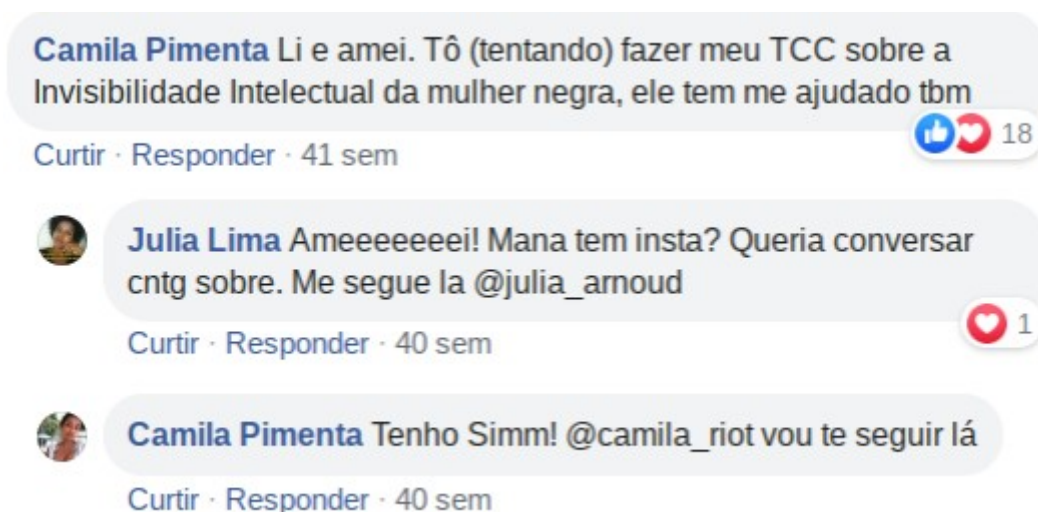
Além disso contribuições acadêmicas também são compartilhadas e também se costuma sugerir outras leituras com relação aos assuntos tratados.





A interação entre os leitores também é observada em algumas postagens e em alguns casos foram vistos exemplos de tentativas de contribuir em algum trabalho acadêmico ou na construção do conhecimento de outras leitores, além de formas de tentar algum tipo de aproximação.

Imagem 10: Comentário com respostas



Fonte: Facebook

No exemplo acima também é possível notar que a referência utilizada pela página já era conhecida por uma das leitoras, o que também aconteceu algumas vezes em outras postagens referenciadas. Além disso, algumas das postagens foram feitas por leitores ou convidados que compartilharam conteúdos como poesias ou músicas. A participação dos leitores na página é uma de suas características mais marcantes e nos comentários existem formas heterogêneas de se comunicar e expressar quando os conteúdos estão sendo úteis para o público.

A participação dos leitores da página é frequente, e além dos exemplos apresentados, também puderam ser observados críticas, conflitos, questionamentos, indicações de leitura, elogios, etc. Em geral existe muita participação dos leitores nos *posts*, assim como um grande número de compartilhamento dos conteúdos.

## 8. A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NAS REDES SOCIAIS: O CASO DO YOUTUBE

Assim como o Facebook, o Youtube foi uma plataforma que surgiu sem grande alarde. Fundado em 2005 por dois ex funcionários da empresa Paypal, era um entre vários outros sites de hospedagem de vídeos. Há algumas versões sobre o porque o Youtube passou a ter tanta relevância e se diferenciar desses outros sites e uma delas diz respeito a itens como a possibilidade de fazer comentários, a sessão de “vídeos relacionados” e a possibilidade de incorporar os vídeos da plataforma em outras páginas da internet. (GREEN; BURGESS, 2009) Essas características demonstram como desde o começo o site possibilitou que além de uma mera hospedagem, ele fosse uma rede social, onde as pessoas pudessem interagir e compartilhar esses vídeos com mais facilidade, além de poder receber novas sugestões sobre o que assistir.

Outro aspecto singular da plataforma que também é apontado como razão de seu sucesso, é a mudança brusca na forma de consumir e criar conteúdo midiático, que retira as pessoas do status de meros espectadores e passa a colocá-las não somente como produtoras de novos conteúdos como também introduz um papel de participação mais direto com relação a aquilo que consomem. Ainda que seja destacado como um objeto de estudo instável já que é fruto de mudanças rápidas e diversidade imensa de conteúdos, o Youtube criou novos parâmetros que afetaram outras mídias de massa, como a TV, de forma direta. Isso envolve diversos aspectos, mas um dos principais está ligado exatamente ao poder de compartilhamento e produção de conteúdos que deixam de seguir uma lógica comercial, onde existem diversos filtros sobre o que vai ser exibido. Dessa forma,

(...) o Youtube na realidade não está no negócio de vídeo - seu negócio é, mais precisamente, a disponibilização de uma plataforma conveniente e funcional para o *compartilhamento* de vídeos on-line: os usuários (alguns deles parceiros de conteúdo *premium*) fornecem o conteúdo que, por sua vez, atrai novos participantes e novas audiências. (GREEN; BURGESS, 2009, p. 21)

Podemos notar uma mudança na função do Youtube quando deixa de somente hospedar conteúdo para também compartilhá-lo. Nesse sentido, ele passa a ter mais relevância como uma mídia social, e cumpri a sua missão.. Isso também se relaciona muito com os conteúdos disponibilizados pela plataforma e seus criadores.

A questão do conteúdo “engessado” das grandes mídias passa a ser substituído por uma lógica de produção que visa cada vez mais as realidades cotidianas, o que passa a permitir que literalmente qualquer pessoa possa se expressar através dessa produção de conteúdo:

O fascínio da imagem atinge seu ápice quando nós somos a própria mensagem. Talvez por isso o YouTube seja um irresistível local dessa enorme ágora virtual que, independentemente dos seus problemas e formatos, permite a cada um ser a própria mídia, celebridades do nosso cotidiano (GREEN; BURGESS, 2009, p. 9)

Assim a liberdade na produção de conteúdos para a plataforma também é apontada como um das principais características do Youtube. De forma geral o potencial revolucionário do Youtube frente as mídias tradicionais é reconhecido graças às diversas vozes e utilizações que tem tido desde seu início. Ainda sim a apropriação desses conteúdos pelas mídias de massa também tem ocorrido, como é colocado:

É entendido de vários modos: como plataforma de distribuição que pode popularizar em muito os produtos da mídia comercial, desafiando o alcance promocional que a mídia de massa está acostumada a monopolizar e, ao mesmo tempo, como uma plataforma para conteúdos criados por usuários na qual desafios à cultura comercial popular podem surgir, sejam eles serviços de notícias criados por usuários ou formas genéricas como o vlogging – que, por sua vez, podem ser assimiladas e exploradas pela indústria de mídia tradicional (GREEN, BURGESS, 2009, p. 24)

Porém, ainda que algumas afirmações possam ser feitas a respeito do Youtube, seu futuro e as mudanças que têm ocorrido nos diversos âmbitos da plataforma (comerciais, midiáticos e até mesmo na construção de novas identidades de consumo e produção de conteúdos) ainda são aspectos muito fortes. Nesse sentido Green e Burgess (2009, p.33) apontam que “o YouTube tem seu lugar dentro da longa história e do futuro incerto das mudanças da mídia, das políticas de participação cultural e no crescimento do conhecimento.”

Graças a esse potencial de estar no centro de mudanças tão significativas, ele foi escolhido para compor a segunda análise do trabalho. Uma breve busca na plataforma demonstra como o Youtube hoje abriga milhares de canais e conteúdos relacionados a questão étnico-racial em diversas línguas. No Youtube existe a necessidade de o conteúdo ser disponibilizado através dos canais, que podem ser gerenciados por uma pessoa ou por organizações, inclusive as de mídia de massa,

mais consolidadas. Assim, existem tanto canais de grandes emissoras e produtoras de conteúdo, até canais “amadores”, onde os vídeos são feitos com câmeras de smartphones.

## 8.1 Afros e Afins

O canal escolhido para a análise foi o “Afros e Afins”, dirigido por Nátaly Neri. Ele foi um dos que começou a ser produzido de maneira amadora, em 2015. Atualmente conta com 556 mil inscritos, 23.826.808 visualizações e 232 vídeos. Na descrição do canal se lê

Olá! Meu nome é Nátaly Neri, tenho 25 anos e moro na cidade de São Paulo - SP. O Canal Afros e Afins é um projeto que iniciei no início da minha faculdade em Ciências Sociais, há quase quatro anos atrás, movida pelo desejo de compartilhar com o máximo de pessoas, todas as descobertas e novas informações que eu estava acessando sobre sociedade, individualidade, estilo de vida e muito mais. Criei esse espaço para compartilhar meus processos de autonomia. Por meio de vídeos humanos e simples, feitos com muita honestidade e dedicação, quero incentivar o desejo de busca por autonomia intelectual, mental e de consumo. Esse canal fala sobre raça, gênero, sociedade, sustentabilidade, slow living, amores, beleza, e tudo o que uma jovem interessada em melhorar sua vida e a realidade ao seu redor poderia se interessar. Acompanhe os vídeos novos, veja tudo o que já conversamos por aqui! Que bom que nos encontramos!<sup>3</sup>

Sua escolha se deu principalmente pela importância que a questão racial toma no canal. Podemos perceber que grande maioria do conteúdo conta com um viés racial, mesmo sendo ele de beleza, alimentação ou sustentabilidade, por exemplo. A experiência de pesquisar sobre o canal recuperou inclusive alguns trabalhos acadêmicos sobre ele, incluindo O feminismo e o negro no canal Afros&Afins de Nátaly Neri (2018) e Mulheres Afrodescendentes e espaços virtuais: para visibilizar aberturas epistemológicas (2019), que também reforçam como a questão racial é forte na construção do canal e como ele tem sido utilizado enquanto ferramenta de compartilhamento de conteúdos sobre o assunto.

Os conteúdos dentro do canal são categorizados entre autonomia intelectual, autonomia de consumo e autonomia mental, além de um “quadro” chamado 7 dias de escolha, que é definido enquanto

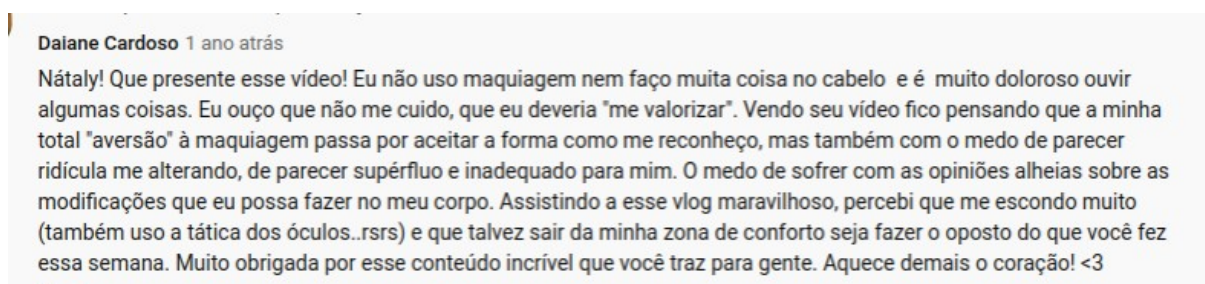
(...)uma forma que encontrei de refletir de uma maneira coletiva

<sup>3</sup> <https://www.youtube.com/channel/UCjivwB8MrrGCMlluoSdkrQg/about>

(porque sempre ajuda outras pessoas) sobre questões que me movem ou me limitam nos momentos da minha vida. O objetivo da auto experiência social é colocar a prova minhas certezas, entender até que ponto tenho controle sobre minhas escolhas, entender se a relação que sinto como liberdade pode ser, na verdade, dependência ou costume. São vídeos feitos para inspirar você a se repensar e sair da sua zona de conforto, por isso fique livre para fazer suas experiências e usar a #7DiasDeEscolha em todas as redes sociais para podermos trilhar juntos esses caminhos!

Esse quadro é um primeiro demonstrativo de como o canal se propõe a produzir conteúdos de forma compartilhada, que instigue seus consumidores a compartilharem suas próprias realidades na medida que acompanham Nátaly em suas jornadas pessoais. A utilização da experiência pessoal também é marcante no canal e se faz presente em exemplos utilizados durante os vídeos para reforçar algum ponto que procura ser demonstrado. Essa categoria conta com três vídeos até o momento: 7 dias sem procrastinar, 7 dias sem internet e Uma semana sem make e cabelo natural. Nesses conteúdos foram encontrados muitos comentários relatando experiências pessoais, que quase sempre se ligavam as reflexões feitas nos vídeos.

#### Imagem 11: Comentário sobre maquiagem



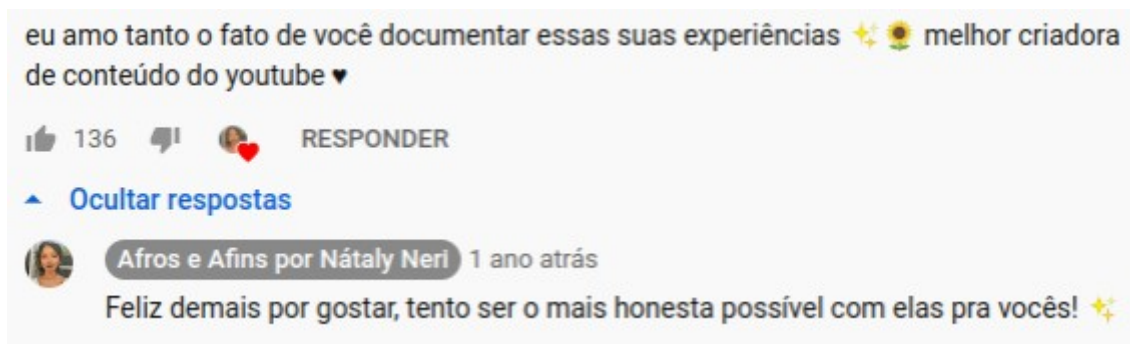
Fonte: Youtube

A partir dos comentários e das reflexões feitas pelos vídeos é possível inferir que o relato pessoal é extremamente motivador na construção de narrativas dos próprios espectadores dos vídeos na medida em que grande parte dos comentários tenta se ligar a experiência relatada por Nátaly. Esse tipo de conteúdo é exaltado pelos inscritos do canal.

<sup>4</sup> <https://www.youtube.com/playlist?list=PL7TPIcav5cfZsnCcXehOMGYKC9svnT2g8>



### Imagem 12: Comentário sobre o conteúdo respondido



Fonte: Youtube

A categoria autonomia intelectual também tem pontos que interessam a nossa análise, já que se ligam a um conteúdo que de certa forma, sendo assim é mais formal em sua descrição, como podemos ler abaixo:

Autonomia é a sua capacidade de tomar decisões não forçadas baseadas em informações disponíveis. Autonomia intelectual, no contexto desse canal e dessa playlist, é quando você consegue fazer a junção entre conhecimento adquirido e experiências vividas, transformando-os em sua própria forma de ver o mundo para ponderar sobre a sua realidade subjetiva e a realidade social, objetiva. Acessar conhecimentos múltiplos é um caminho para a possibilidade de tomar escolhas conscientes com uma abordagem crítica. Nessa playlist vocês vão encontrar algumas das coisas que venho pensando e aprendendo há alguns anos e que mudaram completamente a minha forma de ver o mundo e de encarar a minha existência enquanto mulher e negra entre várias outras coisas. Espero que essas discussões sirvam como ferramentas para que também possam refletir sobre suas realidades.<sup>5</sup>

É relevante perceber como o conteúdo dessa categoria procura dialogar com a construção de conhecimentos que procuram correlacionar “realidade social” com “realidade subjetiva”, mais uma vez demonstrando como as experiências pessoais podem conduzir a construção das pautas dentro do canal. Também fica claro nesse parágrafo a intenção de disponibilizar conhecimentos diversos que promovam a reflexão sobre os temas abordados. Temas esses que são variados dentro dessa categoria, e vão desde a resenha de livros, feminismo, urbanismo, veganismo e etc. A playlist denominada Autonomia Intelectual conta até agora com 58 vídeos e um dos mais emblemáticos é o documentário *Negritudes Brasileiras*.

O documentário foi produzido através do programa *Creators for Change*, do

<sup>5</sup> <https://www.youtube.com/playlist?list=PL7TPIcav5cfby8Jm8rQTRRS8r6Ws-wz1t>

próprio Youtube. O *Creators for Change* é

(...) uma iniciativa global contínua e destaca criadores de conteúdo inspiradores que usam a plataforma para iniciar conversas produtivas sobre temas delicados e gerar um impacto positivo no mundo. Como parte do compromisso com o programa, os embaixadores e membros do *Creators for Change* recebem mentoria e suporte de divulgação para ajudar no desenvolvimento de projetos de impacto. Esses projetos envolvem a criação de vídeos que abordam uma série de tópicos, desde a autoaceitação e a demonstração de bondade até a celebração de culturas e a promoção da empatia no mundo todo.<sup>6</sup>

Assim, o projeto do documentário foi submetido e escolhido na concorrência com alguns outros projetos. O documentário foi destacado por Nátaly em outros vídeos como um projeto importante e que definia vários objetivos do canal. Em sua descrição ela diz que

O documentário visual "Negritudes Brasileiras" nasce não só como uma forma de dar continuidade ao debate racial brasileiro localizando-o no tempo presente com a ascensão de novos conceitos como representatividade e a crescente popularização da internet, mas também surge da demanda de muitos seguidores do Afros e Afins que durante três anos de existência do canal perguntaram identificação racial. A oportunidade de construir esse documentário surge com o projeto do Youtube, o Creators For Change, que oferece estrutura para que criadores produzam conteúdo engajado na plataforma visando combater discursos de ódio, racismos, xenofobias, etc.<sup>7</sup>

O documentário é o vídeo mais longo do canal e conta com a colaboração de entrevistados que são desde pessoas comuns até especialistas em questões raciais. Nele, podemos perceber que a disseminação da informação étnico-racial, que foi o que sempre o norteador do canal, além de uma atenção especial ao consumo dos seguidores do canal e das informações que eles demandam. Ele conta com 117.318 visualizações até o momento e 1.126 comentários. Desses, a grande maioria é de elogios, e muitos também ligam as questões do documentário com experiências pessoais.

Imagem 13: Resposta ao documentário Negritudes Brasileiras

<sup>6</sup> <https://www.youtube.com/creators-for-change/>

<sup>7</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=SMIRaztcAwQ&list=PL7TPIcav5cfby8Jm8rQTRRS8r6Ws-wz1t&index=9&t=10s>



**Andrea Nicezio** 11 meses atrás

Um trabalho sensível, poético, mas solidamente embasado que me impactou racional e sentimentalmente.

Cresci na periferia, mas com você eu percebi o quanto a minha pele branca carrega privilégios e protegeu minha psiquê, pois nunca sofri racismo.

Obrigada por ter esse canal no YouTube e por esse documentário!

Sou sua fã!

Fonte: Youtube

Uma questão interessante de ser notada é a credibilidade que os conteúdos do canal passam a ter a partir das referências utilizadas. Ainda que elas existam e sejam base de muitos vídeos, a linguagem costuma ser acessível e de fácil entendimento até para quem nunca teve contato com os autores utilizados para as reflexões. A utilização de algum autor específico para a construção de um pensamento costuma ser notada pelos seguidores e comentada, tanto com elogios como com pedidos para que outros autores sejam abordados ou pela indicação de novas referências.

#### Imagem 14: Comentário sobre exemplos bibliográficos

**Brunno** 5 meses atrás

Eu adoro a Nátaly porque ela dá exemplos bibliográficos de militância brasileira, faz a gente sair daquela bolha de conhecimentos americanizados que em muitos momentos não dialogam diretamente com a nossa realidade.

Fonte: Youtube

Assim, podemos observar que ao mesmo tempo que os vídeos têm um impacto relacionado às narrativas pessoais, essas referências são importantes para uma parcela das pessoas que consomem esses conteúdos, contribuindo para que o compartilhamento desses conteúdos seja encarado de forma mais segura pelos espectadores.

#### Imagem 15: Agradecimento sobre indicação bibliográfica

**Gabriel Maia** 5 meses atrás

Passo aqui para deixar claro o quanto tuas indicações literárias/acadêmicas são imprescindíveis na criação de uma juventude intelectualmente autônoma. O título do livro citado no início do vídeo, "Pele negra, máscaras brancas" já me arrepia só de ouvir, com certeza vou buscar acessar esse conteúdo. Obrigado Ná!

Fonte: Youtube

Se logo na descrição do canal Nátaly faz questão de citar que cursa Ciências Sociais, durante os vídeos do canal esse embasamento teórico também é exaltado por outros produtores de conteúdo e como no exemplo abaixo, por pessoas que buscam o canal enquanto referência para outras utilizações, como na sala de aula.

#### Imagem 16: utilização do conteúdo em sala de aula

**Andrea Ferreira** 3 meses atrás

Nataly,

Sou professora e uso esses conteúdos que você fala polêmicos em minhas aulas.

Chama atenção dos alunos pela polêmica e consigo passar o conteúdo de forma mais fácil.

Não pare!!!

Fonte: Youtube

Assim, durante a observação do canal e mais especificamente dos comentários ficou claro como o conteúdo produzido e compartilhado passa a ter cada vez mais credibilidade com o tempo. No exemplo abaixo podemos ver como essa confiabilidade é grande quando o canal é citado como uma fonte de informação e conhecimento.

#### Imagem 17: Canal enquanto fonte de informação

**Joice Cunha** 5 meses atrás

A Nátaly é tão inteligente. Fico besta com toda essa desenvoltura. Uma excelente fonte de informação e conhecimento.

👍 546 🗨️ 🍀 RESPONDER

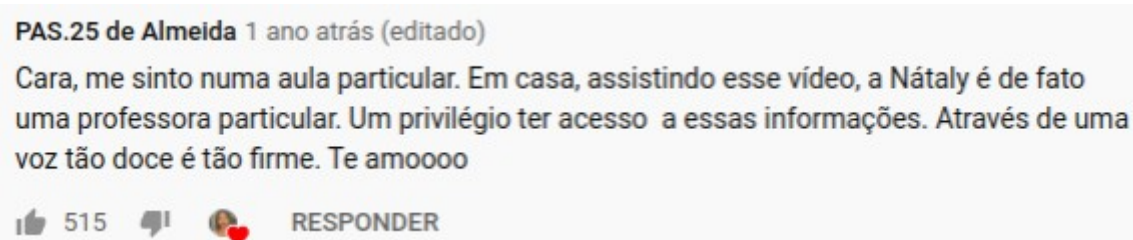
Fonte: Youtube

A relevância dos conteúdos também pode ser vista enquanto uma grande preocupação do canal, que como já visto anteriormente procura entender as demandas dos seguidores a medida em que cresce. Em um dos vídeos, inclusive se destaca que:

Produzir conteúdo na internet é sempre uma via de mão dupla entre o que o criador quer, pode e consegue passar e o que vocês, o público, deseja acessar. Entretanto nada é tão fácil assim e ambos são diariamente atravessados pela vida, pelos acontecimentos, pelas polêmicas, por outras mídias, por demandas de datas comemorativas, ou feriados importantes e tretas colossais. E aí, como produzir e consumir conteúdo nessa bagunça?

Podemos notar que a relevância do conteúdo também está ligada a retórica de Nátaly, levando a uma reflexão sobre a forma de comunicação oral e seu potencial no compartilhamento da informação, já que ela pode ser consumida de formas diferentes de uma página do Facebook, que requer a leitura dos conteúdos. O número de “likes” no comentário abaixo também demonstra que essa é uma questão importante para diversos outros seguidores do canal.

#### Imagem 18: Elogio sobre conteúdo e retórica



Fonte: Youtube

Assim como a página “Desmentindo a história branca”, o canal “Afros e Afins” produz conteúdos diversificados, que procuram dialogar entre conhecimento acadêmico e vivências pessoais da autora. Durante a análise também se nota que conforme o canal cresceu, a preocupação com a disseminação de conhecimentos foi se intensificando, e as narrativas sobre política, por exemplo, cresceram. Ainda sim, questões como estética e moda não deixaram de ser retratadas, sempre dentro de um viés racializado e feminista. Assim, as referências utilizadas para produzir o

<sup>8</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=A7hmoDELtY0&t=222s>

conteúdo são tanto acadêmicas quanto pessoais, pois ao analisarmos os comentários enquanto interações do público do canal, notamos que isso faz com que cresça a identificação com o conteúdo. Além disso, a credibilidade do canal cresceu conforme os conteúdos foram sendo validados tanto pelo próprio Youtube ao produzir o documentário de Nátaly quanto pelo público que notou a evolução na retórica dos vídeos. As demandas informacionais também são identificadas pela dona do canal, na medida em que ela mesma aponta a disponibilização de conteúdos a partir delas. Podemos considerar que as narrativas dos seguidores também têm sido incorporadas na forma de condução do canal.

Os autores utilizados para a construção do referencial teórico do trabalho reforçaram a necessidade de uma interação e da criação de relações, assim como da construção de sentidos por parte daqueles que recebem as informações dentro de um processo de mediação. No material coletado, tanto no Facebook quanto no Youtube pode-se observar através das manifestações nos comentários que vários atores se apropriaram no sentido de questionar, reutilizar e de se tornarem coprodutores da informação através de suas intervenções. A produção da informação também se torna recíproca na medida em que suas produtoras passam a receber um retorno constante sobre aquilo que repartem com seu público. Questão emblemática na visão de Almeida Júnior (2009) o usuário enquanto ator central no processo de apropriação foi identificado nessas análises.

O mesmo autor aponta que o papel principal dos mediadores seria uma intermediação cultural onde haja a compreensão de uma nova realidade em que as fontes de informação e aos conhecimentos disseminados na sociedade tomam formas cada vez mais dinâmicas e que esses mediadores precisam estar inseridos nos processos culturais. Podemos enxergar esses requisitos em ambas as análises, já que enquanto oferecem o conteúdo embasado de forma mais tradicional, com autores e bibliografias tradicionais, também colocam narrativas pessoais em seus compartilhamentos, o que possibilita uma maior identificação do público e consequentemente uma maior troca informacional.

Assim, de acordo com os principais autores do referencial teórico como Almeida Júnior (2009), Feitosa (2016) e Fachin (2013) a análise das duas mídias sociais leva a crer que a mediação da informação pode ocorrer nas redes sociais na internet já que cumpre com os principais requisitos apontados pelos autores. Além disso também foi possível identificar algumas práticas dessa mediação, já que a

forma de sistematizar e compartilhar o conteúdo contém as semelhanças já apontadas, como as narrativas pessoais, a utilização de recursos das próprias plataformas, como o financiamento e a indicação de outros meios para a apropriação da informação como livros e filmes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo do presente trabalho consistiu em verificar se a mediação da informação poderia ocorrer em redes sociais na internet. Também se buscou identificar quais as principais práticas dessa mediação, bem como o desenvolvimento de um arcabouço teórico que tratasse da mediação da informação e pudesse ser relacionado às redes sociais na internet.

Como visto durante o levantamento teórico, a produção científica atual em torno da mediação da informação costuma se concentrar em conceitos como disseminação e apropriação da informação, considerando principalmente o tema em um âmbito presencial. Mesmo assim, foi possível notar como novas abordagens teóricas da Ciência da Informação tem considerado que a mediação da informação pode ocorrer em espaços virtuais, tendo em vista que suas principais características (coprodução da informação e interferência com foco no contexto cultural dos usuários dessa informação) são passíveis de ocorrer nas redes sociais na internet. Quando Almeida Júnior (2009) sugere que a mediação da informação seja o objeto principal da Ciência da Informação, abre um novo leque de possibilidades para que estudos em diversos ambientes ganhem força e passem a considerar a possibilidade de existência da mediação da informação em redes sociais digitais.

Nesse sentido, pudemos ver que a construção do conceito de informação étnico-racial também se dá em um momento crítico, onde essa informação passa a ter sua produção e mediação cada vez mais reconhecidas dentro e fora da Ciência da Informação, sendo alvo de diversos novos estudos. Após as leituras, a breve observação e análise dos conteúdos nas redes sociais escolhidas, é possível dizer que a participação ativa dos usuários na construção dessa informação é uma das características que mais corroboram para uma da mediação da informação que seja significativa no contexto virtual. Suas práticas de construção se guiam principalmente por vivências pessoais, referências bibliográficas e solicitações do próprio público, assim como por temas emergentes dentro da temática que cada uma das páginas analisadas se propôs a tratar, demonstrando também como esse público tem importância em suas produções. Podemos apontar que práticas tradicionais e já estabelecidas da mediação no âmbito presencial diferem das que ocorrem na *web* na medida em que são guiadas quase que em tempo real pela

interferência dos seguidores, que contribuem com novos conhecimentos e conseqüentemente passam a demandar conteúdos que deem cada vez mais espaço para essa participação.

Assim, com base no que foi visto no presente trabalho, fazem-se necessários estudos futuros que possam investigar o tema o de forma mais aprofundada e pormenorizada, dando seqüência a observações mais sistematizadas desses canais de mediação da informação.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, W. R. de; FILHO, W. F. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2016. Disponível em: <http://acbantu.org.br/img/Pdfs/livro03.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2019.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da Informação e múltiplas linguagens. **Pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: [http://www.brapci.inf.br/\\_repositorio/2010/01/pdf\\_9aa58ba510\\_0007871.pdf](http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/01/pdf_9aa58ba510_0007871.pdf). Acesso em: 15 set. 2019.

ANGROSINO, M. **Etnografia e Observação Participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009. (Coleção Pesquisa Qualitativa).

BITTENCOURT, M. C. A. Midiatização do ativismo e jornalismo digital: o impacto dos filtros do facebook nos processos de produção e circulação de conteúdos de coletivos midiáticos. **Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación**. São Paulo. v. 12, n. 22, p. 122- 133, 2015. Disponível em: <https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/view/634>. Acesso em: 18 out. 2019.

BORGES, R. C. da S.; BORGES, R. (Orgs). **Mídia e racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABNP, 2012. (Coleção Negras e Negros: Pesquisa e Debate). Disponível em: [http://www.abpn.org.br/downloads/midia\\_racismo.pdf](http://www.abpn.org.br/downloads/midia_racismo.pdf). Acesso em: 19 set. 2019.

BURGESS, J.; GREEN, J. **Youtube e a revolução digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

CARDOSO, F. **O Negro na Biblioteca**: mediação da informação para a construção da identidade negra. Curitiba: Editora CRV, 2015.

CARDOSO, F.; PINTO, M. S. Apontamentos Contemporâneos sobre questão racial e atuação bibliotecária. *In*: SILVA, F. C.G; LIMA, G. S. (Org). **Bibliotecári@s Negr@s**: ação, pesquisa e política. Florianópolis, SC: Associação Catarinense de Bibliotecários, 2018. p. 29-88. Disponível em: <https://www.acbsc.org.br/>. Acesso em: 01 out. 2019.

CASTELLS, M. **O poder da comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e terra, 2016.



FACEBOOK. Facebook Company Info. Facebook, 2019. Disponível em: <https://newsroom.fb.com/company-info/>. Acesso em: 22 out. 2019.

FACHIN, J. Mediação da informação na sociedade do conhecimento. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 27, n. 1, p. 25-42, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/23629>. Acesso em: 13 set. 2019.

FEITOSA, L. T. Complexas mediações: transdisciplinaridade e incertezas nas recepções informacionais. **Informação em Pauta**, v. 1, n. 1, p. 98-117, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/41778>. Acesso em: 13 set. 2019.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LÉVY, P. **Cibecultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010. 279 p. (Coleção Trans).

LOPES, F. C.; BORTOLIN, S.; SILVA, M. N. da. O negro e a mediação: a Ciência da Informação como campo de discussão étnico-racial. **XVI ENANCIB**. out. 2015. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/view/3026>. Acesso em: 22 set. 2019

MATTOS, C. L. G. de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C. L. G. de; CASTRO, P. A. de. (Orgs). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8fcfr>. Acesso em: 13 mar. 2019.

MARTINO, L. M, S. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambiente, redes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MOROZOV, E. Por que estamos autorizados a odiar o vale do silício. In: MOROZOV, E. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018. p. 27-42. (Coleção Exit).

OLIVEIRA, H. P. C.; AQUINO, M. D. O conceito de informação etnicorracial na Ciência da Informação. **Liinc em Revista**, v. 8, n. 2, 2012. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3336>&gt;. Acesso em: 16 set. 2019.

RECUERO, R. A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador. In: Dulcília Schroeder Buitoni, Roberto Chiachiri. (Org.). **Comunicação, Cultura de Rede e Jornalismo**. 1. ed. São Paulo: Almedina, v. 1, p. 259-274, 2012. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/raquelrecuerolivrocasper.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

SILVA, F. S.; NUNES, J. V.; CAVALCANTE, L. E. O conceito de mediação na ciência da informação brasileira: uma análise a partir da brapci. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 12 No 2, n. 2, 2018. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/14734>. Acesso em: 13 out. 2019.

SILVA, L. K. R. da; AQUINO, M. de A.. Fontes de informação na Web: apropriação, uso e disseminação da informação étnico-racial no movimento negro da Paraíba. **Transinformação**, v. 26, n. 2, pg. 203-212. maio/ago. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384340896009>. Acesso em: 29 set. 2019.

SILVA, L. K. R. da. **Bamidelê: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. 120 f. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000021982/a2ae2c76769f1cc34470e4ce9581924f>. Acesso em: 01 out. 2019.

SOUSA, M. A. de. Informação étnico-racial: uma proposta de glossário sob a égide da Semântica Discursiva. **XVI ENANCIB: Tendências de Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**. vol. 8, n. 2, pg. 20-37, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/197/247>. Acesso em: 12 maio 2019.

TECMUNDO. Brasil é o terceiro país com mais usuários no Facebook. Tecmundo, 2019. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/139130-brasil-terceiro-pais-usuarios-facebook.htm>. Acesso em: 22 out. 2019.

TOMAÉL, M. I.; MARTELETO, R. M. Redes sociais: posição dos atores no fluxo da informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. esp., p. 75-91, 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/342/387>. Acesso em: 29 maio 2019.

VALÉRIO, E. D.; SILVA, D. M. F. Informar para a igualdade racial: Participação cidadã na produção, acesso e uso da informação étnico-racial. In: SILVA, F. C.G; LIMA, G. S. (Org). **Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e política**. Florianópolis, SC: Associação Catarinense de Bibliotecários, 2018. p. 179-196. Disponível em: <https://www.acbsc.org.br/>. Acesso em: 01 out. 2019.

ZANINI, D. Etnografia em Mídias Sociais. In: SILVA, T.; STABILE, M.(Orgs.). **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo: Uva Limão, 2016. Disponível em: <http://uvalimao.com.br/wp-content/uploads/2016/11/Monitoramento-e-pesquisa-em-midias-sociais.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2019.